

A Leitura do Gênero Discursivo Memórias Literárias a Partir de um Olhar Bakhtiniano

READING OF THE LITERARY MEMOIRS GENRE FROM A LOOK
BAKHTINIAN

Sueli **GEDOZ** *
Terezinha da Conceição **COSTA-HUBES** **

Resumo: Elaboramos o presente texto considerando que os gêneros discursivos são instrumentos mediadores de ações sociais para fins de interação, e construídos por sujeitos ativos e participantes do mundo da interação social. Objetivamos, a partir dessa perspectiva, apresentar algumas reflexões sobre a leitura do gênero discursivo memórias literárias, analisando-o sob o viés do método sociológico proposto por Bakhtin (2004), que considera os gêneros discursivos repletos de significação revelada pelo seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. Considerando esses três aspectos, desenvolvemos esse estudo procurando avaliar as marcas que definem a materialidade do gênero memórias literárias, utilizando, para isso, o texto “Os automóveis invadem a cidade”, de Zélia Gattai. Percorremos, inicialmente, alguns conceitos bakhtinianos, passando, em seguida, ao conceito de gêneros conforme definições de diferentes autores. Após, nos detemos à orientação metodológica apresentada por Bakhtin (2004) e sua aplicação

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Contato: oi_sueli@hotmail.com

** Prof.ª. Dr.ª. do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Contato: terecostahubes@yahoo.com.br

ao gênero escolhido. Subsidiaram nosso trabalho, além dos estudos desenvolvidos por Bakhtin (2000, 2004), também as obras de Bronckart (2003), Bazerman (2006), Dolz e Schneuwly (2004), Lima (2009), Marcuschi (2005, 2008), entre outros.

Palavras-chave: Bakhtin; Leitura; Gêneros do discurso; Memórias literárias.

Abstract: We developed this text considering the genres as mediating tools for social action for the purpose of interaction, and constructed by active subjects and participants from the world of social interaction. We aim from this perspective, presenting some reflections on the reading of literary memoirs genre, examining it under the bias of sociological method proposed by Bakhtin (2004), which considers the genres full of meaning revealed by its thematic content, style and compositional construction. Considering these three aspects, we developed this study aiming to evaluate the brands that define the genre of literary memoirs materiality, using for this, the text “The cars are invading the city” by Zélia Gattai. We have come, initially, some Bakhtinian concepts, moving then to the concept of genre as definitions of different authors. After that, we pause to methodological guidance by Bakhtin (2004) and its application to the chosen genre. Subsidiary our work, and studies developed by Bakhtin (2000, 2004), also works Bronckart (2003), Bazerman (2006), Schneuwly and Dolz (2004), Lima (2009), Marcuschi (2005, 2008), among others.

Key-words: Bakhtin; Reading; Speech genres; Literary memoirs.

Introdução

Nossa intenção no presente texto é a de apresentar algumas considerações sobre os estudos do pensador russo, Mikhail Bakhtin, que orientam a construção do conceito de gêneros discursivos, bem como investigar um gênero discursivo a partir da ordem metodológica para o estudo da língua, definida pelo autor.

Na perspectiva de dar conta de tal investigação, apresentamos inicialmente alguns dos conceitos presentes nos estudos de Bakhtin (2000, 2004) a respeito de linguagem, língua, enunciado/enunciação e

interação verbal. Além da teoria bakhitiniana sobre os gêneros discursivos, apontamos também conceitos elaborados por Marcuschi (2005, 2008), Dolz e Schneuwly (2004), Bazerman (2006) e Bronckart (2003), que contribuem com a discussão do tema. Seguindo a isso, percorrendo novamente a obra de Bakhtin (2004), apresentamos o método sociológico proposto pelo autor, o qual sugere o estudo da língua a partir de seu conteúdo temático, sua estrutura composicional e seu estilo. E, na parte final desse estudo, fazemos um recorte para a leitura do gênero discursivo “memórias literárias”, diferenciando-o de outros gêneros com características afins e analisando-o por meio de uma investigação dos três aspectos sugeridos, utilizando, como *corpus*, o texto “Os automóveis invadem a cidade”, de Zélia Gattai.

1 Conceitos teóricos de Bakhtin

Para Bakhtin (2004), a linguagem é um ato social que se realiza e se modifica nas relações sociais e é, ao mesmo tempo, meio para a interação humana e resultado dessa interação, já que seus sentidos não podem ser desvinculados do contexto de produção. O autor aponta que o estudo da língua deve começar com o estudo do contexto social em que se efetuam suas múltiplas formas, pois:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 2004, p. 95 – grifos do autor)

Assim entendida, percebemos que a concepção de língua, em Bakhtin, é discursiva e, por isso, não pode ser separada dos seus falantes e dos seus atos, tampouco das esferas sociais e dos valores ideológicos. Para o autor, “a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 2004, p.95), não podendo ser vista como um sistema abstrato reduzido à forma e à estrutura. A língua é resultante de um trabalho coletivo e histórico e reflete as relações

sociais “relativamente estáveis” dos falantes. Se reconhecemos o caráter social da linguagem, precisamos entender que a língua também é dialógica e interacional, já que o que falamos ou escrevemos dirige-se a interlocutores concretos que também estabelecem uma relação dialógica com o mundo e nosso conhecimento se constrói nesse processo de interação.

Dessa forma, para Bakhtin (2004), a língua é concreta, realizando-se nos atos de fala, na comunicação efetiva entre seus usuários. A fala caracteriza-se, assim, como um elemento do discurso e como um meio de produção de enunciados. O enunciado é a forma utilizada pelas pessoas para interagirem. Portanto, é tudo o que ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam. Quando produzimos um enunciado, estamos fazendo uso de uma linguagem social, pertencente a um grupo social particular de falantes. Bakhtin aponta que “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2000, p.280).

De acordo com Bakhtin (2000, 2004), a produção de enunciados está intrinsecamente ligada às estruturas sociais, fazendo surgir o conceito de enunciação que, para o autor, caracteriza-se como um ato eminentemente social e não individual. Enuncia-se sempre para alguém, de um determinado lugar ou de uma determinada posição sócio-histórica. Entendemos, assim, que a enunciação é a compreensão que temos do enunciado, levando em consideração seu contexto de produção: onde, quem, quando, para quem e por que foi produzido, além de todo o conhecimento sócio-histórico-ideológico que envolve os interlocutores. Nesse caso, está muito além da decodificação porque pressupõe sua relação com os participantes da situação.

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver

ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). (BAKHTIN, 2004, p. 112 – grifos do autor)

Bakhtin (2004) afirma, então, que a enunciação é um fenômeno social entre quem emite a palavra e para quem ela é emitida. Sendo assim, é na enunciação que a característica dialógica da linguagem se efetiva. Arelado à enunciação, surge mais um conceito bakhtiniano: a interação verbal. Para o autor, a língua só existe, de fato, onde houver comunicação, interação social, diálogo, e esse espaço de interação social é um espaço privilegiado para a enunciação. Segundo Bakhtin, “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 2004, p.123), que se materializa ou ganha forma nos gêneros discursivos/textuais, sobre os quais nos deteremos a seguir.

2 Os gêneros discursivos/textuais

Procurando as definições que tentam conceituar os gêneros discursivos¹ ou gêneros textuais,² recorreremos a Bakhtin (2000, 2004), Bronckart (2003), Bazerman (2006), Marcuschi (2005), Dolz e Schneuwly (2004) como aporte teórico para esse estudo.

Para Bakhtin, “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos de *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2000, p.279 – grifos do autor). Nesse sentido, o ser humano, em quaisquer de suas atividades, vai servir-se da língua e a partir do interesse, intencionalidade e finalidade específicos de cada ação, produzirão enunciados linguísticos que se organizarão de maneiras diversas. A essas diferentes formas de incidência dos enunciados, o autor denomina *gêneros do discurso*. Sendo caracterizados como modelos de enunciados, os gêneros discursivos são, para Bakhtin (2000), textos que circulam socialmente, por meio da linguagem falada e escrita, em cada campo da sociedade, e que se diferenciam daqueles

¹ Definição apresentada por Bakhtin em “Estética da criação verbal”. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 279-287.

² Definição apresentada por Bronckart em “Atividades de linguagem, textos e discursos”. São Paulo: Educ, 2003, p.137.

que circulam em outros campos, devido às características, às peculiaridades e às necessidades de cada esfera social, fazendo parte, assim, de sua cultura.

De acordo com Bronckart (2003), o conceito de gêneros textuais também está relacionado, tal como em Bakhtin (2000), a textos relativamente estáveis elaborados a partir de determinados objetivos. O autor aponta que,

Na escala sócio-histórica, os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamadas de gêneros de textos) e que ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados, para os contemporâneos e para as gerações posteriores. (BRONCKART, 2003, p. 137)

Para Bazerman (2006), que considera os aspectos psicossociais, a definição de gêneros como estruturas padronizadas e reconhecíveis de comunicação extrapola o conjunto de traços textuais. Priorizando o enfoque social dos gêneros discursivos, o autor defende a posição de que pelo uso de textos, além de organizarmos nossas ações no mundo, também atribuímos significados aos fatos sociais implicados em nossas atividades diárias.

Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. [...], são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (BAZERMAN, 2006, p. 31)

Retomando o conceito de gêneros vinculados à vida cultural e social já defendido por Bakhtin, Marcuschi aponta que “os gêneros

textuais são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. Caracterizam-se como eventos textuais dinâmicos e plásticos. São artefatos lingüísticos concretos” (MARCUSCHI, 2005, p. 19). Ao apontar e caracterizar os gêneros como entidades sócio-discursivas, Marcuschi também considera que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto” (MARCUSCHI, 2005, p. 22). O autor assevera, assim, a materialidade dos discursos por meio dos gêneros, sendo esses considerados não como formas padronizadas, mas dinâmicas, maleáveis, passíveis de modificações.

Consideramos também as definições de Dolz e Schneuwly (2004) a respeito dos gêneros discursivos. Para esses autores, os gêneros caracterizam-se como um instrumento que atua como ponto de partida para o ensino. Impulsionados pela concepção interacionista, os autores consideram que trabalhar com os gêneros consiste em dar prioridade ao funcionamento comunicativo da linguagem, o que ajuda os alunos a construir uma representação das atividades de escrita e de fala em situações complexas, como produto de um trabalho e de uma elaboração.

Assim apresentados, podemos dizer que os gêneros discursivos/textuais são as diferentes formas de linguagem utilizadas socialmente, materializadas em textos que encontramos em nosso cotidiano, os quais apresentam características próprias de acordo com seu conteúdo temático, sua funcionalidade, seu estilo e sua composição. Os gêneros existem em grande diversidade, pois surgem de acordo com as necessidades de cada esfera social e se desenvolvem a partir da forma como a língua se organiza nas inúmeras situações de comunicação de cada uma dessas esferas.

3 Bakhtin e o percurso metodológico para leitura e análise dos gêneros discursivos

Reportando-se ao fenômeno social da interação verbal, realizada por meio de enunciados e enunciações, Bakhtin (2004) reforça o caráter dialógico da língua, mostrando que é por meio dela que produzimos enunciados concretos que se materializam por meio dos gêneros

discursivos. Dessa forma, a comunicação verbal não pode ser isolada nem da situação em que foi produzida, nem tampouco das demais formas de comunicação (não verbais) a que está ligada:

A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. Graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar. (BAKHTIN, 2004, p.124)

A fim de garantir esse olhar mais amplo para os enunciados (ou para o texto), Bakhtin (2004) apresenta uma ordem metodológica para estudo da língua, denominada posteriormente como “método sociológico”, que orienta em relação aos aspectos a ser considerados na análise dos textos:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual. (BAKHTIN, 2004, p.124)

Em outras palavras, Bakhtin nos propõe um encaminhamento que pode ser considerado ao efetuarmos um estudo da língua materializada nos gêneros discursivos/textuais. Essa orientação é retomada, posteriormente, pelo autor, em *Estética da Criação Verbal*, quando aponta três elementos para o estudo do gênero a que pertence determinado enunciado: conteúdo temático, construção composicional

e estilo. “As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza” (BAKHTIN, 2004, p.124) caracterizam-se como o conteúdo temático de um texto, que está estreitamente ligado ao contexto de produção. Esse conteúdo pressupõe as ações efetuadas com a linguagem, considerando com que objetivo o locutor produziu determinado texto e para qual interlocutor(es) se destina; quando foi produzido, retomando o contexto sócio-histórico-ideológico que, direta ou indiretamente, interfere no tema; qual o recurso/veículo utilizado para sua divulgação/socialização; e em qual suporte o texto será veiculado.

Bakhtin enfatiza que “o tema é determinado não só pelas formas lingüísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas é igualmente determinado pelos elementos não-verbais da situação” (BAKHTIN, 2004, p.128). Dessa forma, é possível entender que o conteúdo temático extrapola o que está escrito no texto, estendendo-se para o contexto de produção, ou seja, a situação histórica concreta que deu origem à enunciação. “O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence.” (BAKHTIN, 2004, p.129).

O segundo encaminhamento proposto por Bakhtin, “as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos” (BAKHTIN, 2004, p.124) alude à construção composicional do gênero. Estudamos, nesse ponto, a estrutura formal do gênero, considerando suas características próprias e as tipologias textuais nele predominantes. Ou seja, na construção composicional, observamos as formas de composição e acabamento dos enunciados e o arranjo esquemático em que o conteúdo temático se assenta. Assim, a forma composicional permite não só o reconhecimento do gênero, mas também, segundo Bakhtin, a assimilação das condições e da finalidade de cada campo da atividade humana.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada dos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2000, p. 279)

Finalmente, ao tomar “o exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual”, Bakhtin apresenta o terceiro passo na investigação de um gênero: a análise lingüística, voltada para o estilo do texto. Analisar o estilo do gênero nos remete a investigar questões individuais de seleção e opção tais como: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais, modalizadores, paragrafação, pontuação, entre outros elementos. O estilo está “indissolúvelmente” ligado aos gêneros discursivos. Para Bakhtin (2000), todo enunciado é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante ou escritor. Embora reflita a individualidade de seu autor, é bom ressaltar que este é um ser social, participante de grupos sociais. Assim, o estilo também está ligado ao contexto de produção do gênero e, conseqüentemente, ao seu conteúdo temático e a sua estrutura composicional.

O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre um locutor e os outros parceiros da comunicação verbal. (BAKHTIN, 2000, p. 284)

Entendemos que o trabalho com os três encaminhamentos apresentados por Bakhtin, depende também das considerações que devem ser feitas a respeito do contexto em que o gênero se situa. Dessa forma, é possível perceber que essas três características que definem um gênero – plano composicional, estilo e conteúdo temático – são indissociáveis e devem ser aplicadas a todo processo de leitura. É o que pretendemos demonstrar na parte que segue.

4 O gênero discursivo “memórias literárias”: características, leitura e investigação a partir do percurso metodológico bakhtiniano

Considerando o aporte teórico apresentado, propomo-nos a desenvolver, neste estudo, uma investigação sobre um gênero discursivo de circulação na sociedade: o gênero memórias literárias. A escolha do gênero deu-se devido à solicitação da produção de um texto desse gênero na 2ª edição (2010) da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa

Escrevendo o Futuro. Ainda que tenha sido solicitado nesse concurso, verificamos que se trata de um gênero cuja definição e características são pouco verificadas em materiais que investigam os gêneros discursivos. Assim, é pertinente um estudo sobre a discursividade e materialidade desse gênero.

A escrita de um texto em forma de memórias literárias tem como objetivo, geralmente, uma evocação do passado, uma busca de recordações, procurando lembrar pessoas e fatos que foram importantes na vida do narrador. Geralmente, o narrador é o próprio personagem que vivenciou a história contada, sendo considerado, assim, o escritor-autor-narrador. Em outras situações, o autor do texto faz uma entrevista com uma pessoa que conta suas memórias e tem a função de escrevê-las tal como foram contadas na entrevista; nesse caso, é necessário escrever como se fosse o próprio entrevistado. Esse narrador organiza as experiências contadas, interpretando-as e imprimindo-lhes um toque de inventividade. Esse caráter, um tanto subjetivo das memórias literárias, é apontado por Lima (2009) ao buscar o sentido etimológico da palavra “recordar” e associá-lo ao gênero memórias literárias:

[...] etimologicamente, ‘recordar’ vem de ‘re’ + ‘cordis’ (coração), significando literalmente, ‘trazer de novo ao coração algo que, devido à ação do tempo, tenha ficado esquecido em algum lugar da memória’. Podemos dizer assim que, em linhas gerais, é exatamente essa a função de um texto do gênero memórias literárias. (LIMA, 2009, p. 22)

Assim explicitado, o termo “recordar” busca recuperar o passado, para melhor conhecê-lo no presente. É um resgate das histórias de pessoas, geralmente mais velhas, transmitido às gerações mais jovens, por meio das palavras. Lima (2009) ainda aponta que,

[...] um texto de memórias literárias objetiva resgatar um passado, com base nas lembranças de pessoas que, de fato, viveram esse tempo. Representa o resultado de um encontro, no qual as experiências de uma geração anterior são evocadas e repassadas para outra, dando assim continuidade ao fio da história, que é

de ambas, porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence. (LIMA, 2009, p. 22)

Assim definido, podemos dizer que o gênero memórias literárias caracteriza-se como um texto pertencente à esfera literária, já que cumpre com um dos traços mais marcantes dos gêneros dessa esfera, a função estética. Opondo-se a uma função utilitária cujo fim é o de informar, convencer ou explicar, o autor das memórias literárias procura representar a realidade por meio de sua visão, interpretando aspectos que considera mais importantes, sem uma preocupação em retratá-la de modo fiel.

Além da função estética, outras características que permitem incluir o gênero em questão na esfera literária são a plurissignificação e a subjetividade. Ao utilizar uma linguagem predominantemente conotativa, os textos dessa esfera possibilitam a criação de novos significados para as palavras. Também por estarem associados à expressão pessoal de sentimentos e emoções, tais gêneros adquirem um caráter subjetivo, uma vez que, as informações não são o foco da atenção, mas sim os sentimentos e impressões das personagens. Comparações e contrastes, utilizados com a intenção de dar graça e força expressiva aos textos, evidenciam a preocupação literária presente no gênero em estudo.

O narrador de um texto do gênero memórias literárias precisa reconhecer que as narrativas contadas têm como base as experiências vividas pelo autor no passado, mas narradas no presente. Essa é uma característica que diferencia o gênero em questão de outros gêneros que têm como ponto de referência as experiências vividas pelo autor, como no caso da autobiografia, do diário e do relato histórico. Julgamos oportuno, nesse momento, diferenciar tais gêneros, a fim de elucidar as características e objetivos de cada um. Todos esses gêneros se constituem basicamente por sequências discursivas narrativas e são escritos em primeira pessoa. Assemelham-se pela narração ou relato dos fatos, que são atribuídos ao autor. Além disso, relatam acontecimentos que marcaram experiências de vida.

O gênero autobiografia, numa definição bastante elementar, pode ser considerado como um texto que conta a vida de um indivíduo, escrita por ele mesmo. De acordo com Maciel, é “um relato

retrospectivo em prosa que um indivíduo com vida extratextual comprovada faz de sua própria existência, enfatizando sua vida pessoal e sua personalidade” (MACIEL, 2010, s/p). É, portanto, um gênero que se caracteriza pelo relato de informações importantes que o autor apresenta sobre sua própria vida, trazendo para o interior do texto sua realidade vivida. Já o diário é um gênero cuja principal característica é a escrita subjetiva, voltada para o “eu”. Nas palavras de Clara, Altenfelder e Almeida, o diário é definido como um texto que “costuma ser elaborado como um registro íntimo; em sua origem, não se dirige a outra pessoa, o seu destinatário primeiro é o próprio autor. Nele, são registradas as experiências vividas no presente.” (CLARA, ALTENFELDER e ALMEIDA, 2010, p.44). Já o relato histórico é apresentado como:

[...] uma narrativa que estabelece relações entre sujeitos, fatos e tempos históricos. O autor de um relato histórico não se atém à narrativa de uma história. Quando o autor é um historiador, ele busca fontes, reúne-a e analisa documentos, utiliza critérios para verificar a veracidade do que relata. Normalmente, relatos históricos não trazem a história do autor. (CLARA, ALTENFELDER e ALMEIDA, 2010, p.44)

Diferenciando-se de tais gêneros, as memórias literárias, conforme já apontado, são narrativas que relatam acontecimentos vividos pelo autor em períodos passados, entretanto, contados da maneira como são lembrados no presente. É um gênero que reflete escolhas feita pelo autor, já que este conta partes de sua história de vida, optando pelas experiências que melhor apresentam a sua imagem, ou seja, a imagem que o autor elabora de si mesmo. Essa representação procura trazer à lembrança os fatos e seres que foram importantes em determinados momentos da história vivida, os quais serão representativos para o momento posterior ao da escrita das memórias.

Por meio dessa definição, recuperamos a afirmação de Marcuschi (2005) que aponta os gêneros textuais como fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Para o autor, “os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos

e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais” (MARCUSCHI, 2005, p.20). As memórias literárias, assim observadas, podem ser consideradas em sua variedade, como uma forma de ação social.

Com o intuito de compreender um pouco mais sobre as características desse gênero, e retomando as reflexões teóricas apresentadas no presente trabalho, as quais se pautam especialmente em Bakhtin (2000, 2004), apresentamos, em seguida, o estudo de um texto pertencente ao gênero em questão, analisando-o de acordo com o percurso metodológico apontado por Bakhtin (2004).

Selecionamos o texto “Os automóveis invadem a cidade”, de Zélia Gattai (1916-2008), publicado na obra “Anarquistas, graças a Deus”, da editora Record, no ano de 1986. A obra, que marca a estreia da escritora e teve sua primeira edição publicada em 1979, apresenta reminiscências sobre a infância de Zélia e sobre a situação do nosso país na primeira metade do século XX. Entretanto, o texto em questão foi encontrado e retirado, para o presente estudo, da Coletânea Memórias Literárias, a qual foi organizada por integrantes do Ministério da Educação como material de apoio para professores e alunos do Ensino Fundamental, interessados em participar da *Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro/2010*. Essa coletânea apresenta treze textos do gênero memórias literárias, todos destinados à leitura e à investigação de características do gênero, para posterior produção escrita de textos do mesmo gênero. Consideramos, então, a coletânea de textos como o suporte de circulação do gênero escolhido e, a partir desse apontamento, faremos a análise proposta por Bakhtin, conforme apontada na parte inicial desse estudo. Eis o texto a ser analisado:

Os automóveis invadem a cidade

Zélia Gattai

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de 20 quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o “Prédio Martinelli” – arranha-céu pioneiro em São Paulo, se não me engano do Brasil – fora ainda construído. Não existia rádio, e televisão, nem em sonhos. Não se curtia som em aparelhos de alta fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e manivela. Havia tempo pra tudo, ninguém se afobava, ninguém andava depressa. Não se abreviavam com siglas os nomes completos das pessoas e das coisas em geral. Pra que isso? Pra que o uso de siglas? Podia-se dizer e ler tranquilamente tudo, por mais longo que fosse o nome por extenso – sem criar equívocos – e ainda sobrava tempo para ênfase, se necessário fosse.

Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos. Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros; as mais mínimas coisas, os menores acontecimentos, tomavam corpo, adquiriam enorme importância. Nossa vida simples era rica, alegre e sadia. A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco. Os divertimentos, como já disse, eram poucos, porém suficientes para encher o nosso mundo.

(Anarquistas Graças a Deus. 11. Ed., Rio de Janeiro: Record, 1986)

Conforme já exposto, Bakhtin (2004) propõe como encaminhamento metodológico para o estudo da língua a análise dos gêneros discursivos a partir de seu conteúdo temático, sua estrutura composicional e seu estilo. Esses três elementos podem ser facilmente observados no gênero memórias literárias, dadas as características *relativamente estáveis* desse gênero e a esfera de circulação a qual pertence.

Observando a primeira proposição do autor, podemos afirmar que o texto estudado tem como conteúdo temático uma história de recordações lembradas pela autora. Zélia Gattai narra, com um saudosismo bastante evidente, uma época em que “*a vida em São Paulo era tranqüila*”. Trata-se de um tema voltado à narrativa de fatos vividos pela autora no passado e contados no tempo presente (nesse caso, o tempo presente se refere a 1979, data da primeira edição da obra em que o texto foi publicado pela primeira vez). O texto foi produzido com o objetivo de entretenimento e reflexão, uma vez que sugere ao leitor uma retrospectiva a momentos já vivenciados na história da cidade de São Paulo. Ao publicá-lo na obra *Anarquistas, graças a Deus*, a autora utiliza-o para reforçar o panorama que traça sobre a vida dos imigrantes italianos no início do século XX, no Brasil, mostrando sua infância no ambiente da capital paulista. Podemos dizer que se trata de uma história repleta de recordações e lembranças de uma família que, para a autora, mostra-se especial, mesmo com os problemas e preocupações que apresenta. As recordações, que não representam necessariamente a realidade vivida pela autora, mas sim a interpretação que fez daquele momento vivido, reforçam a função estética do gênero memórias literárias, oferecendo condições para sua inserção na esfera social literária.

Entretanto, o objetivo do texto torna-se outro quando o gênero é transposto para a Coletânea de textos analisada. Nesse suporte de circulação, os textos do gênero memórias literárias destinam-se ao conhecimento de suas características gerais, tendo como interlocutor o aluno-leitor. A inserção desse gênero dirige-se, portanto, ao aluno que, após todas as etapas de leitura e interpretação, será convidado a uma produção escrita de memórias literárias. Sendo a Coletânea *Se bem me lembro...* o suporte para o gênero em estudo, a editora Cenpec é, portanto, o veículo de circulação do texto selecionado, cuja publicação ocorreu em São Paulo, no ano de 2010.

O segundo encaminhamento proposto por Bakhtin, “as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos” (BAKHTIN, 2004, p.124) refere-se à construção composicional do gênero. No caso do texto analisado, percebemos sua pertinência à esfera social literária, tendo como tipologia predominante, a narrativa. Trata-se de uma narração curta, produzida a partir de um acontecimento real, na qual histórias vivenciadas pela autora são contadas em forma de memórias que, como em outras narrativas, também apresenta uma estrutura composta pelos elementos: espaço, tempo, personagens, narrador e enredo.

De acordo com Clara, Altenfelder e Almeida, “em geral, o início de um livro, ou mesmo de um capítulo de memórias literárias, é dedicado a situar o leitor no tempo e, principalmente, no espaço em que se passam as lembranças do narrador” (CLARA, ALTENFELDER e ALMEIDA, 2010, p.56). Essa característica das memórias literárias está manifesta no texto em análise. Ao iniciar com “*Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranqüila*”, Zélia Gattai situa o leitor, apontando para uma época diferente da atual e apresenta-lhe o ambiente que será parcialmente descrito na obra. Seguido a isso, prevalece outra característica própria do gênero em questão: a escolha de fatos marcantes e o relato dos motivos que os levam a serem relevantes. Reportando-se, por exemplo, aos automóveis que invadiram a cidade, a autora revela isso como um acontecimento que se destacou em sua infância, descrevendo as peculiaridades dos automóveis e o comportamento de motoristas, sendo esses últimos os motivadores de preocupações da autora.

Outro aspecto a ser observado na estrutura composicional do gênero memórias literárias refere-se à conclusão do texto, que a exemplo do restante do enredo, deve também envolver o leitor. Para Clara, Altenfelder e Almeida (2010), a conclusão de um texto de memórias literárias pode ser realizada por meio de uma cena ou um fato vivido pelo narrador em um momento passado ou ainda, com o deslocamento desse autor-narrador-personagem para o presente. No caso de “*Os automóveis invadem a cidade*”, ocorre a manifestação de fatos vividos no passado. Os três últimos períodos do texto revelam como era a vida naquele momento: “*Nossa vida simples era rica, alegre e sadia*”. O lirismo

parece tomar conta da autora ao apontar que, apesar de serem poucos, os divertimentos eram “*suficientes para encher o nosso mundo*”.

A história contada por Zélia Gattai acontece na cidade onde ela morava na infância. Esse tipo de referência ao local onde se vivia é característico do gênero em questão. Outro traço peculiar das memórias é a presença de palavras e expressões, conforme apontado por Lima (2010), que transportam o leitor para uma certa época do passado. Em “*Naqueles tempos, a vida em São Paulo...*” e “*Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o ‘Prédio Martinelli’ - arranha-céu pioneiro em São Paulo, se não me engano do Brasil - fora ainda construído*” ficam evidentes essas características. Indispensável também é a apresentação do texto com narrador em primeira pessoa, traço marcante no gênero memórias literárias. Trata-se de um narrador que conta o que viveu, imprimindo a sua história um único ponto de vista: o seu próprio.

O terceiro passo proposto por Bakhtin para o estudo da língua, o “exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual” (BAKHTIN, 2004, p.124), refere-se à análise do estilo do gênero. Para o autor, alguns gêneros apresentam um estilo bastante individual, devido às próprias características que possuem. Em se tratando do texto estudado, observamos que a descrição que permeia as sequências narrativas é um traço característico no estilo da autora. Ao descrever os automóveis que invadem a cidade, Zélia Gattai utiliza diversos adjetivos, objetivando impressionar o leitor, conduzindo-o a uma imaginação detalhada da cena. Nos trechos “*a invasão cada vez maior dos automóveis importados*”, “*grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros*”, “*Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos*”, notamos a presença de descrições que contribuem para o sentido que a autora quer atribuir à presença dos automóveis.

Outro ponto que caracteriza o estilo das memórias literárias são as comparações entre o passado e o presente. Nos fragmentos “*Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranqüila*”, “*Não existia rádio, e televisão, nem em sonhos*” e “*Não se abreviavam com siglas os nomes completos das pessoas e das coisas em geral*” há uma comparação implícita entre a vida de hoje e a de antigamente, e no trecho “*Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros*”, Zélia Gattai faz uma comparação nítida entre a atualidade e o tempo em que era menina.

Por tradição, conforme já apontado, o texto literário utiliza-se de recursos voltados ao fazer estético, próprios de quem se coloca dentro da esfera literária e fala por meio dela. Clara, Altenfelder e Almeida (2010) evidenciam esse traço do gênero apontando que:

Em textos de memórias literárias, ao descrever um objeto, uma personagem, um sentimento, os autores utilizam a linguagem para criar imagens, provocar sensações, ressaltar determinados detalhes ou características. A articulação desses recursos proporciona ao leitor uma experiência estética particular. (CLARA, ALTENFELDER e ALMEIDA, 2010, p. 81)

A recorrência às figuras de linguagem é um exemplo dessa caracterização que faz parte do estilo das memórias literárias. Fragmentos como *“A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco”* comprovam esse traço literário das memórias. O uso de expressões e termos típicos do vocabulário da época em que os fatos aconteceram, também faz parte do estilo desse gênero. O texto de Zélia Gattai, ao apresentar termos como *“gramofones de tromba e manivela”*, mostra um vocabulário típico da época para a qual remontam as memórias contadas.

Outro recurso que faz parte do estilo desse gênero é a presença do narrador-personagem. A autora relata os acontecimentos que se passaram com ela mesma, usando pronomes e verbos, alguns na terceira pessoa do plural. No caso específico desse texto de Zélia Gattai, há uma predominância de verbos utilizados no pretérito imperfeito do modo indicativo, cuja função é marcar um tempo passado, lembrado, descrevendo-o. Ao relatar suas experiências pessoais, a autora utiliza, em todos os momentos, a terceira pessoa do plural, com o intuito de mostrar um sentimento de pertencimento a uma comunidade. Marcas estritamente pessoais, com verbos na primeira pessoa do singular, embora sejam marcantes no gênero em questão, não são observadas nesse texto de Zélia Gattai.

Enfim, ao avaliarmos o gênero memórias literárias de acordo com o percurso metodológico definido por Bakhtin (2004), podemos compreender que se trata de um gênero com características próprias, relativamente estáveis, associadas ao caráter social da esfera a que

pertence o gênero. A leitura dos textos desse gênero, considerando todos esses aspectos, contribui para evidenciar o caráter social da língua e reforçar a definição da linguagem como uma forma de interação social.

Conclusão

Entendemos que a investigação aqui apresentada é uma tentativa de associação do pensamento bakhtiniano às práticas de leitura e compreensão de textos que circulam socialmente nas diferentes esferas da atividade humana. Investigando o texto, a partir da orientação metodológica para o estudo da língua proposta por Bakhtin (2004), é possível compreender como a linguagem é um ato essencialmente social.

A análise apresentada possibilita-nos a entender que a linguagem é, indiscutivelmente, uma forma de interação social e se seguirmos o método sociológico de Bakhtin no estudo da língua materializada nos gêneros, essa compreensão torna-se, então, mais evidente.

As considerações aqui apresentadas buscam contribuir para que o estudo dos gêneros discursivos não esteja pautado apenas na sua caracterização superficial, desprovida de uma reflexão teórica. Procuramos desenvolver reflexões que apontam para a possibilidade de uma leitura e análise mais profunda sobre a teoria em que se pauta o estudo dos gêneros discursivos, reforçando a possibilidade de transposição dessa fundamentação para a prática.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONÍSIO, Â. P.; HOFFNAGEL, J. C. (org.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Traduzido por Judith C. Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 19 - 46.

BRONCKART, J-P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: Educ, 2003.

CLARA, R. A.; ALTENFELDER, A. H.; ALMEIDA, N. *Se bem me lembro...: caderno do professor: orientação para produção de textos*. São Paulo: Cenpec, 2010.

COLETÂNEA de Textos “Se bem me lembro...” – Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, 2010.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

LIMA, A. Recordar para contar. In: **Na Ponta do Lápis**, ano V, nº11, ago/2009.

MACIEL, S. D. **A literatura e os gêneros confessionais**. Disponível em <http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf>. Acesso em: 07/ago./2010

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.